

7 de outubro de 2023



Por **SALEM NASSER\***

*Face às políticas israelenses e ao silêncio, se não cumplicidade total, por parte do Ocidente, todos os palestinos, e entre eles todos os movimentos de resistência, enfrentam uma luta contra o tempo*

O dia 7 de outubro de 2023 ficará para a história como um dos marcos mais dramáticos e importantes do conflito palestino-israelense. Algo sísmico ocorreu e pode trazer enormes consequências.

Uma pergunta que ouvi sobre o que está acontecendo é: por quê? por que agora?

Deixe-me, primeiro, analisar os significados possíveis, talvez combinados, de tal questão.

A primeira suposição subjacente, que pode ou não existir e que pode ou não ser percebida por quem pergunta, é que as ações do Hamas não respondiam a qualquer provocação imediata, pelo que dificilmente poderiam ser compreendidas.

Um segundo elemento da questão, diferente de uma provocação imediata, diz respeito à existência de “um motivo” ou de “motivos” para a operação.

As razões, por sua vez, são diferentes da “justificação”, que pode dizer respeito aos argumentos apresentados para justificar a ação e/ou para dizer se a ação pode ser vista como objetivamente justificada, ou seja, se é uma ação legítima.

Por fim, a pergunta pode conter uma investigação sobre os objetivos da ação, o que se espera dela.

Um bom ponto de partida, pensei, seria observar a forma como o Hamas apresenta as suas razões, justificações e objetivos. Talvez seja uma cautela desnecessária, mas quero deixar claro que, ao tentar esclarecer como eles (o Hamas) apresentam a sua causa, isso não significa necessariamente que eu os subscreva. Este não é o momento para que eu me ponha a julgar; esta hora chegará em breve.

Começo aqui porque, no âmbito daquilo que venho chamando de “cegueira seletiva”, raramente conseguimos saber, no Ocidente, o que “os outros” dizem; não temos acesso ao que, por exemplo, os líderes do Hamas dizem ou declaram, ao mesmo tempo que temos ampla informação sobre o que as autoridades israelenses e ocidentais expressam. Mais do que isso, mal conhecemos os nomes de pessoas de enorme importância, pessoas que, por exemplo, planejam, executam e anunciam operações como esta que começou há dois dias.

A pessoa que anunciou a operação e apresentou ao mundo as razões sobre as quais o Hamas a baseava é um homem chamado Mohammad El-Daif ou, noutra ortografia, Mohammed Deif. Apesar de ser praticamente desconhecido do público em geral, ele é o comandante supremo das forças militares do Hamas.

# a terra é redonda

Nascido num campo de refugiados em Gaza, diz-se que sobreviveu a cerca de vinte tentativas de assassinato por parte de Israel. Numa dessas ocasiões, em 2014, Israel matou a sua esposa, o seu filho de 7 meses e a sua filha de 3 anos.

Ao fazer um discurso de 10 minutos em 7 de outubro, para anunciar a operação Al Aqsa Flood, Al-Daif falou sobre o contínuo desrespeito ao Direito Internacional, incluindo o direito dos Direitos Humanos, por parte de Israel; a sua recusa em dar ouvidos aos avisos; a inação da comunidade internacional; os crimes cometidos contra os lugares santos e o povo; os recentes casos de colonos que invadiram a mesquita de Al Aqsa; a expulsão em curso dos palestinianos de Jerusalém e da Cisjordânia; os maus-tratos infligidos aos prisioneiros palestinianos, etc.

Um argumento central, que contém a justificação subjacente mais importante (de acordo com o Hamas, mais uma vez) para a operação é que todas as ações israelenses visam estabelecer fatos consumados no terreno, a fim de tornar toda Jerusalém uma cidade exclusivamente judaica, para eventualmente destruir a Mesquita Al Aqsa para a reconstrução do Templo. Pode ser importante salientar aqui que estas intenções não são mantidas em segredo pela maioria dos líderes e membros do governo israelense. Portanto, há acordo entre eles e o Hamas sobre esta questão.

Assim, no discurso de Al-Daif há uma sugestão sobre qual seria a razão imediata para a ação, que resultaria das provocações recentes – as invasões da Mesquita de Al Aqsa, a violência contra os crentes muçulmanos e cristãos, a violência contra os prisioneiros palestinos...

Mas é evidente que a operação Al Aqsa Flood não poderia ser apenas uma reação espontânea e imediata a ofensas insuportáveis. A operação é de tal natureza e escala que certamente exigiu anos de planeamento. Assim, mesmo que as ofensas sejam reais e mesmo que sejam insuportáveis, podem ter proporcionado a oportunidade para uma ação que se pensava ser necessária e inevitável.

Qual é então a verdadeira razão?

Face às políticas israelenses e ao silêncio, se não cumplicidade total, por parte do Ocidente, todos os palestinos, e entre eles todos os movimentos de resistência, enfrentam uma luta contra o tempo!

Deixe-me desenvolver um pouco mais a ideia, e aqui sou eu falando. A solução de dois Estados está morta há muito tempo. Todos podem ver isso. As pessoas deveriam enterrar o corpo e seguir para uma solução diferente. Nesta fase, quem ainda fala da solução acordada internacionalmente, de dois Estados vivendo lado a lado, em paz, ou está tentando ignorar a realidade para não lidar com ela, ou é cúmplice do projeto israelense de estabelecer um Grande Israel (aliás, se alguém não acredita que tal projeto exista, basta olhar para o mapa do Novo Oriente Médio apresentado por Netanyahu perante a Assembleia Geral da ONU há poucos dias).

Israel e os seus apoiadores ocidentais, os Estados Unidos na linha da frente, ao impedirem a implementação da solução de dois Estados, criaram uma situação de corrida para o fundo do poço, na qual, à ameaça existencial imposta aos palestinos corresponderá necessariamente uma ameaça existencial para Israel (pelo menos como um Estado exclusivamente judeu).

Os palestinos foram empurrados contra uma parede: ou aceitam continuar a ser expulsos das suas terras, aceitam renunciar a Jerusalém como a sua capital nacional e religiosa, aceitam que lhe seja negado um Estado próprio, aceitam abandonar os direitos de milhões de refugiados, ou devem lutar.

E lutar contra o tempo, porque o projeto israelense está sendo implementado neste mesmo momento.

Os movimentos de resistência palestinos – e agora, para aqueles que tantas vezes perguntam, torna-se claro porque é que afirmam ser de “resistência” e porque é que os chamo assim – têm uma compreensão clara do fato de que o seu conflito é de longa duração. Este entendimento é comum a todas as forças que, na região, se unem sob a bandeira da oposição a Israel, aos Estados Unidos e à agenda imperial deste último.

Neste sentido, nas últimas décadas, estes movimentos desenvolveram gradualmente novas capacidades militares, de inteligência, estratégicas e de segurança e diminuíram o fosso entre a sua força e a de Israel.

A operação Al Aqsa Flood inaugura uma nova fase neste conflito de longa duração. Por enquanto, esta pode ser resumida da seguinte forma: i) há a necessidade de parar o relógio na implementação por parte de Israel do seu projeto de ocupação, colonização e tomada de Jerusalém; ii) existe um cenário internacional em mudança, em que o poder dos Estados Unidos está sendo desafiado e a Europa está enfraquecida, nomeadamente na Ucrânia; iii) existe uma divisão interna sem precedentes na sociedade israelense, uma crise de identidade e uma desordem política; iv) o plano de levar a luta para a frente interna de Israel, há muito em preparação, precisava ser testado – neste caso, o Hamas era considerado menos capaz de levar a cabo tal coisa do que o Hezbollah, por exemplo – e ver como Israel e os EUA reagiriam, tirando, portanto, lições para o futuro; v) Bem-sucedida que foi, a operação revelou um exército israelense mal preparado e uma frente interna muito frágil.

**\*Salem Nasser** é professor da Faculdade de Direito da FGV-SP. Autor de, entre outros livros, Direito global: normas e suas relações (Alamedina). [<https://amzn.to/3s3s64E>]

---

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

**Ajude-nos a manter esta ideia.**

**CONTRIBUA**